

as brumas de avalon
a rainha suprema – livro II
marion zimmer bradley

Tradução de Maria Dulce Teles de Menezes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



A RAINHA
SUPREMA





Lá longe, no Norte, onde Lot era rei, a neve amontoava-se nas montanhas rochosas e, mesmo ao meio-dia, era frequente não haver mais do que um nevoeiro crepuscular. Nos raros dias em que o Sol brilhava, os homens saíam para caçar, mas as mulheres ficavam confinadas ao castelo. Morgause, girando indolentemente o fuso — odiava fiar, mas o quarto estava demasiado escuro para fazer qualquer outro trabalho mais delicado —, sentiu uma corrente de ar gelada vinda da porta aberta e levantou os olhos. E, numa censura suave, disse:

— Está demasiado frio para isso, Morgaine, e tens andado todo o dia a queixar-te do frio; agora queres transformar-nos em sincelos?

— Não estava a queixar-me — retorquiu Morgaine. — Só que o quarto está tão empestado como uma cloaca e o fumo cheira mal. E eu apenas quero respirar, mais nada! — Fechou a porta e voltou para junto da lareira a esfregar as mãos e a tremer. — Desde o solstício de verão nem uma única vez aqueci.

— Não tenho a mais pequena dúvida — disse Morgause. — A criança que transportas dentro de ti rouba-te o calor dos ossos... ela está quente e aconchegada e a mãe treme. É sempre assim.

— Pelo menos o solstício de inverno já passou, a luz aparece mais cedo e fica até mais tarde — disse uma das aias de Morgause. — E dentro de quinze dias já tens o bebé contigo.

Morgaine não respondeu, mas permaneceu de pé, a tremer junto ao fogo, friccionando as mãos como se lhe doessem. Morgause pensou que a rapariga se assemelhava ao seu próprio fantasma: o seu rosto definhado, que quase desaparecia numa magreza mortal; as mãos, ossudas como as de um esqueleto, contrastavam com o volume do seu ventre. Nos seus olhos adensavam-se grandes e escuras olheiras e as pálpebras estavam vermelhas como se inflamadas por um longo pranto. Mas Morgause, durante todas as luas que Morgaine passara nesta casa, nunca tinha visto a jovem derramar uma única lágrima.

Eu confortá-la-ia, mas como fazê-lo se ela não chora?

Morgaine vestia um vestido velho que era de Morgause, uma túnica azul-escura puída, desbotada e demasiado comprida. Tinha um ar sem graça, quase desmazelado, que exasperava Morgause, por a sua parente nem sequer se ter dado ao trabalho de pegar numa agulha e numa linha e encurtar o vestido. Os tornozelos estavam tão inchados que faziam pregas por cima dos sapatos; tal devia-se ao facto de naquela altura do ano só haver peixe salgado e vegetais de baixa qualidade. Os alimentos frescos de que todos necessitavam eram difíceis de obter com aquele tempo. Bem, talvez os homens tivessem um pouco de sorte na caçada e ela pudesse convencer Morgaine a comer um pouco de carne fresca. Morgause, depois de ter estado grávida quatro vezes, conhecia aquela fase de quase inapetência do fim da gravidez. Lembrava-se de certa vez, quando estava grávida de Gawaine, ter ido para a vacaria e ter comido um bocado de argila que estava guardada para cair as paredes. Uma velha parteira tinha-lhe dito que quando uma grávida não consegue evitar comer coisas assim tão estranhas é porque a criança tem fome, e a mãe deve alimentar a criança com aquilo que ela deseja. Talvez amanhã houvesse ervas frescas junto ao regato da montanha — coisa que todas as grávidas desejavam, especialmente no final de um inverno como este.

O lindo cabelo escuro de Morgaine estava todo embaraçado, preso numa trança lassa — parecia que ela não o penteava nem entrançava há semanas. Morgaine afastou-se do fogo, pegou num pente que se encontrava numa prateleira, agarrou num dos cãezinhos de luxo de Morgause e começou a penteá-lo. Morgause pensou: *Melhor seria se te ocupasses a pentear o teu cabelo*, mas calou-se. Ultimamente, Morgaine andava tão sensível que não se lhe podia dizer nada, *o que era natural, estando o parto a aproximar-se*, pensou, enquanto observava as mãos ossudas da jovem metendo o pente nos pelos emaranhados. O cãozinho ganiu, e Morgaine, com uma

voz mais suave do que a que costumava usar para as pessoas nestes últimos tempos, mandou-o calar.

— Já não pode faltar muito, Morgaine — disse Morgause. — Por altura da Candelária, de certeza que já deste à luz.

— Para mim, já não é sem tempo — Morgaine fez uma última festa ao cão e pô-lo no chão. — Pronto, agora já estás apresentável para andares no meio das senhoras, meu querido, estás lindo, com o pelo tão macio...

— Vou espreitar o fogo — disse uma das mulheres que se chamava Beth, pondo o fuso de lado e atirando a roca para um cesto de lã. — Os homens devem estar a chegar, de certeza, já está escuro.

Aproximou-se da lareira, tropeçou num pau solto e quase ia caindo.

— Gareth, meu grande maroto, faça favor de limpar já isto tudo.

Atirou o graveto para o fogo e Gareth, de cinco anos, que tinha andado a empurrar os paus de um lado para o outro e a falar com eles a meia-voz, gritou indignadamente — os paus eram os seus exércitos!

— Bem, Gareth, já é noite e os teus soldados têm de ir para a tenda — disse Morgause de forma enérgica.

Amuado, o rapazinho empurrou os pauzinhos para um canto, mas, com cuidado, meteu um ou dois numa dobra da túnica — eram os mais grossos. Fora Morgaine quem os esculpiu toscamente, no princípio do ano, dando-lhes a forma de homens com armaduras e elmos, e cujas túnicas escarlates pintara com sumo de bagas.

— Fazes-me outro cavaleiro romano, Morgaine?

— Agora não, Gareth — disse ela. — As mãos doem-me por causa do frio. Talvez amanhã.

Ele aproximou-se de sobrolho franzido e, encostando-se ao joelho dela, perguntou:

— Quando é que terei idade para ir à caça com o pai e Agravaine?

— Ainda tens de esperar alguns anos, acho eu — respondeu Morgaine, sorrindo —, até seres suficientemente crescido para não te perderes num nevão!

— Sou grande! — disse ele, esticando-se todo. — Olha, quando estás sentada, sou mais alto do que tu, Morgaine! — E deu uns pontapés na cadeira, impaciente. — Aqui não há nada para fazer!

— Bem — disse Morgaine —, posso ensinar-te a fiar e assim já não ficas sem fazer nada.

Pegou na roca que Beth abandonara e estendeu-lha, mas ele fez uma careta e recuou.

— Vou ser um cavaleiro! Os cavaleiros não fiam!

— É pena — disse Beth com um ar amargurado. — Talvez não gastassem tantos mantos e túnicas se soubessem o trabalho que dá fiá-los!

— Mas reza a história que houve um cavaleiro que fiava — disse Morgaine, estendendo os braços para o rapazinho. — Anda cá. Não, senta-te no banco, Gareth, já estás demasiado pesado para te pegar ao colo como um bebé. Antigamente, antes da vinda dos Romanos, havia um cavaleiro chamado Aquiles que fora amaldiçoado. Uma velha feiticeira disse à mãe que ele iria morrer numa batalha, e ela, por causa disso, vestiu-lhe saias e escondeu-o entre as mulheres, com as quais ele aprendeu a fiar, a tecer e a fazer tudo o que era próprio de uma donzela.

— E morreu numa batalha?

— Morreu, sim, pois quando a cidade de Troia foi cercada chamaram todos os cavaleiros e guerreiros para a irem libertar, e Aquiles foi com os outros e foi o melhor de todos os cavaleiros. Diz-se que lhe deram a escolher: ou vivia muito tempo em segurança e morria velho e esquecido, ou tinha uma vida curta e morria novo com glória; ele escolheu a glória. É por isso que ainda hoje a história dele faz parte das lendas. Em Troia combateu com um guerreiro chamado Heitor, isto é, Ectorius, na nossa língua...

— Era o mesmo Sir Ectorius que educou o nosso rei Arthur? — perguntou o rapazinho, com os olhos muito abertos.

— Não, isso ocorreu há muitas centenas de anos, mas podia ter sido um dos seus antepassados.

— Quando estiver na corte e for um dos companheiros de Arthur — disse Gareth com os olhos arregalados —, serei o maior guerreiro e conquistarei todos os prémios quando houver torneios. O que é que aconteceu a Aquiles?

— Não me lembro. Foi há muito tempo, na corte de Uther, que ouvi a história — disse Morgaine, comprimindo os rins com as mãos como se lhe doessem.

— Fala-me dos cavaleiros de Arthur, Morgaine. É verdade que viste Lancelet, não é? Eu vi-o naquele dia da coroação do rei, matou alguns dragões? Conta-me, Morgaine...

— Não a aborreças, Gareth, ela não está bem — disse Morgause. — Vai à cozinha e vê se te arranjam um naco de pão de aveia.

A criança ficou amuada, mas tirou o cavaleiro de madeira de dentro da túnica e saiu a conversar com ele a meia-voz:

— Então, Sir Lancelet, vamos sair e matar todos os dragões do Lago...

— Este só fala de guerra, de combates — disse Morgause com impaciência — e do seu precioso Lancelet, como se já não chegasse ter Gawaine longe, junto de Arthur, na guerra! Espero que quando Gareth for crescido haja paz na Terra!

— Haverá paz — disse Morgaine com ar ausente —, mas não terá importância, pois morrerá às mãos do seu amigo mais querido...

— O quê? — gritou Morgause, encarando-a fixamente, mas os olhos da rapariga olhavam, sem ver, perdidos no espaço. Morgause abanou-a delicadamente e perguntou:

— Morgaine! Morgaine, sentes-te mal?

Morgaine pestanejou e sacudiu a cabeça.

— Desculpa... o que é que disseste?

— O que é que disse? Ou antes o que é que tu me disseste? — perguntou Morgause, mas, ao ver o ar de sofrimento nos olhos de Morgaine, sentiu um calafrio. Afagou a mão da jovem, atribuindo a delírio as amargas palavras que Morgaine acabara de proferir. — Acho que deves ter estado a sonhar de olhos abertos — sentiu que não queria pensar que Morgaine pudesse ter tido um momento da Visão. — Tens de cuidar mais de ti, Morgaine, mal comes, não dormes...

— A comida agonia-me — disse Morgaine suspirando. — Quem me dera que fosse verão para poder comer fruta... a noite passada sonhei que comia maçãs de Avalon... — a voz tremeu-lhe e baixou a cabeça para que Morgause não visse as lágrimas que luziam entre os cílios, mas apertou as mãos uma contra a outra e não chorou.

— Estamos todos fartos de peixe salgado e toucinho fumado — disse Morgause. — Mas se Lot tiver tido uma boa caçada, tens de comer um pouco de carne fresca.

Morgause sabia que Morgaine tinha sido treinada em Avalon a ignorar a fome, a sede e a fadiga. Agora, grávida, quando deveria abrandar um pouco essa austeridade, tinha orgulho em suportar tudo sem um queixume.

— Foste treinada para sacerdotisa, Morgaine, para resistires ao jejum, mas o teu filho não pode suportar a fome e a sede, e estás demasiado magra...

— Não troces de mim! — disse Morgaine com ar zangado, apontando para a barriga desmesuradamente grande.

— Mas a tua cara e as tuas mãos são só ossos — disse Morgause. — Não podes matar-te à fome desta maneira, trazes uma criança no ventre e tens de pensar nela!

— Pensarei no bem-estar dela quando ela pensar no meu! — disse Morgaine, levantando-se bruscamente. Mas Morgause agarrou-lhe nas mãos e fê-la sentar de novo.

— Querida filha, sei aquilo por que estás a passar, já dei à luz quatro filhos, lembras-te? Os últimos dias são piores do que todos os outros meses juntos.

— Devia ter tido juízo e ter-me livrado dele enquanto era tempo!

Morgause abriu a boca para responder ríspidamente, mas suspirou e disse:

— É demasiado tarde para dizeres que devias ter feito isto ou aquilo, mais dez dias e tudo terá acabado.

Tirou o pente da dobra da túnica e começou a desembaraçar a trança emaranhada de Morgaine.

— Deixa estar... — disse Morgaine impaciente, afastando a cabeça do pente. — Faço isso amanhã. Ando demasiado cansada para pensar nessas coisas. Mas se estás assim tão farta de me ver desarranjada... então dá-me o pente!

— Não te preocupes, *lennavan* — disse Morgause. — Lembras-te de quando eras pequenina, em Tintagel, e costumavas chamar-me para que te penteasse, porque a tua ama... como é que ela se chamava?... sim, já me lembro, Gwennis, é isso... puxava-te tanto o cabelo que tu dizias: «Deixas a tia Morgause fazer isso?» — Passou o pente pelos cabelos emaranhados, alisando madeixa por madeixa, e afagou carinhosamente a cabeça de Morgaine. — Tens um cabelo lindo.

— Escuro e áspero como a crina de um pónei no inverno!

— Não, fino como a lã de um carneiro preto e brilhante como seda — disse Morgause, continuando a acariciar-lhe os cabelos. — Está quieta, vou fazer-te uma trança... Sempre desejei ter uma filha para a poder vestir com lindos vestidos e fazer-lhe tranças assim. Mas a Deusa só me deu filhos e por isso tens de ser tu minha filhinha, agora que precisas de mim...

Puxou-lhe a cabeça para o seu peito e Morgaine ficou ali encostada, a tremer, de lágrimas nos olhos.

— Então, então, minha pequenina, não chores, já falta pouco, vá, vá... não tens tido muito cuidado contigo, precisas dos cuidados de uma mãe, minha pequerrucha...

— Mas... está tão escuro aqui... Desejo tanto que venha o Sol.

— No verão temos mais luz solar do que precisamos, há luz até à meia-noite — disse Morgause —, e no inverno temos tão pouca...

Morgaine não parava de tremer e de soluçar convulsivamente, enquanto Morgause a apertava contra si, embalando-a suavemente.

— Vá, lá, pequenina, *lennavan*, sei como te sentes... Dei à luz Gawaine na pior altura do inverno. Estava escuro como agora, e eu, com dezasseis anos, estava apavorada, sabia pouco ou nada sobre partos. Só queria ter ficado em Avalon como sacerdotisa, ou na corte de Uther, ou em qualquer outro lugar, mas não aqui. Lot estava longe, na guerra, eu odiava o meu corpo enorme, estava sempre agoniada, doíam-me as costas e sentia-me completamente só, no meio de mulheres desconhecidas. Acreditas que durante todo esse inverno tive a minha velha boneca em cima da cama e que, às escondidas, a abraçava e chorava com ela todas as noites até adormecer? Eu era ainda uma criança! Pelo menos tu, Morgaine, és uma mulher.

Morgaine, a soluçar, retorquiu:

— Sei que já tenho idade para não ser tão criança... — mas continuava agarrada a Morgause, enquanto a mulher mais velha a aflagava e lhe acariciava o cabelo.

— Agora, esse bebé que dei à luz antes de ser uma mulher feita está longe, a lutar contra os Saxões, e tu, em quem peguei ao colo como uma boneca, vais ter um filho. Ah, sim, sabia que tinha uma novidade para te contar: Marged, a mulher do cozinheiro, já teve a criança... de certeza que foi por isso que as papas de aveia estavam tão cheias de cascas hoje de manhã... assim vais ter uma ama de leite para o teu filho mesmo à mão. Embora eu tenha a certeza de que, quando o vires, hás de querer amamentá-lo.

Morgaine fez um gesto de repulsa e Morgause sorriu.

— Eu também me sentia assim antes de os meus filhos nascerem, mas quando olhava para a cara deles sentia que jamais conseguiria deixá-los sair dos meus braços. — Sentiu a mulher mais nova estremecer. — O que é, Morgaine?

— Doem-me as costas, estive demasiado tempo sentada, é só isso — disse Morgaine, levantando-se com impaciência e começando a andar pelo quarto com as mãos sobre os rins.

Morgause semicerrou os olhos e ficou pensativa. Nos últimos dias, a barriga da rapariga tinha descido, já não devia faltar muito. Tinha de mandar encher o aposento das mulheres com palha fresca e falar com as parteiras para estarem preparadas para o parto.

Os homens de Lot encontraram um veado nas colinas; depois de esfolado e limpo, o cheiro da carne a assar numa enorme fogueira enchia todo o castelo, e nem Morgaine recusou uma fatia de fígado cru, a pingar sangue

— era costume esta parte do animal ser destinada às mulheres à espera de bebé.

Morgause viu o ar enjoado de Morgaine e lembrou-se de que também ela se sentia assim, quando lhe davam coisas destas, das várias vezes que estivera grávida. Mas Morgaine, tal como fizera Morgause, comeu a carne com avidez; o corpo exigia alimento mesmo que o espírito recusasse. No entanto, mais tarde, depois de a carne estar assada, quando os caçadores a trincharam e a distribuíram, recusou comer mais. Mas Morgause agarrou numa fatia e colocou-lha no prato.

— Come — ordenou. — Não recuses, Morgaine, quero que me obedecas. Não podes matar-te à fome desta maneira nem à criança.

— Não consigo — disse Morgaine em voz baixa. — Acho que vomitava... Guarda-a, depois eu tento.

— Qual é o problema?

Morgaine baixou a cabeça e murmurou:

— Não sou capaz de comer... carne de veado... comi-a em Beltane... quando... e agora até o cheiro me causa vômitos...

E esta criança foi concebida em Beltane, nos rituais das fogueiras. O que a perturba tanto? Essa recordação devia ser agradável, pensou Morgause, sorrindo com a lembrança de Beltane. Perguntou a si mesma se a rapariga teria caído nas mãos de um homem selvagem e se teria sofrido um coito forçado — e isso explicaria a raiva e o desespero provocados por aquela gravidez. No entanto, o que estava feito, estava feito, e Morgaine já tinha idade para saber que nem todos os homens eram brutos, mesmo que uma vez tivesse caído nas mãos de um que não era nem gentil nem hábil com as mulheres.

Morgause pegou numa fatia de bolo de aveia e ensopou-o no suco da carne que estava no prato.

— Então, come isto... assim aproveitas o que é bom da carne — disse ela —, e mandei fazer-te um chá de bagas de roseira-brava; é amargo e vai saber-te bem. Lembro-me como adorava coisas amargas quando estava grávida.

Morgaine comeu obedientemente e Morgause teve a impressão de que lhe subia um pouco de cor ao rosto. Morgaine fez uma careta ao sentir o sabor amargo da bebida, mas mesmo assim bebeu-a sofregamente.

— Não gosto disto — disse —, mas, coisa esquisita, não consigo deixar de beber.

— A criança está com desejos — disse Morgause com ar sério. — Os

bebés quando estão no ventre sabem o que lhes faz bem e exigem isso de nós.

Lot, descontraído, sentado entre dois dos seus caçadores, sorriu amavelmente à cunhada.

— É um animal velho e esquelético, mas é um bom jantar para o final do inverno — disse. — E estou muito satisfeito por não ter caça de uma corça prenha. Vimos duas ou três, mas disse aos meus homens para não as atingirem e até afastei os cães, quero que as corças tenham as crias em paz, e percebi que estava a chegar a altura, pois havia muitas já pesadas.

Bocejou e pegou no pequeno Gareth, que tinha a cara gordurosa e brilhante da carne.

— Qualquer dia já estás suficientemente grande para ires caçar conosco — disse. — Tu e o pequeno duque da Cornualha.

— Quem é o duque da Cornualha, pai? — perguntou Gareth.

— Ora, o bebé de Morgaine — replicou Lot, sorrindo. Gareth olhou para Morgaine com um ar muito espantado.

— Não vejo bebé nenhum. Onde é que está o teu filho, Morgaine?

Morgaine deu uma risadinha, atrapalhada.

— Para o mês que vem, por esta altura, mostro-to.

— A donzela da primavera vem trazê-lo?

— Sim, podes dizer isso — disse Morgaine, sorrindo mesmo sem vontade.

— Como é que um bebé pode ser um duque?

— O meu pai era duque da Cornualha. Sou a única filha do seu casamento. Quando Arthur subiu ao trono devolveu Tintagel a Igraine; dela passará para mim e para os meus filhos, se tiver algum.

Olhando para a jovem, Morgause pensou: *O filho dela está mais perto do trono do que o meu Gawaine. Sou irmã germana de Igraine e Viviane é só meia-irmã, por isso Gawaine é um parente mais chegado do que Lancelet. Mas o filho de Morgaine será sobrinho de Arthur. Será que Morgaine já pensou nisso?*

— Então, não há dúvida, Morgaine, o teu filho é duque da Cornualha...

— Ou duquesa — disse Morgaine, sorrindo outra vez.

— Não, pela forma da tua barriga, baixa e larga, digo-te que será um filho — disse Morgause —, tive quatro e tenho observado as minhas aias quando estão grávidas... — sorriu maliciosamente para Lot e disse: — O meu marido leva muito a sério aquele velho ditado que diz que um rei deve ser pai do seu povo!

Lot respondeu, bem-humorado:

— Acho que está certo que os meus filhos legítimos, nascidos da minha rainha, tenham muitos irmãos bastardos; nuas estão as costas, dizem, sem irmãos, e os meus filhos são muitos... Vamos, parente, não queres pegar na harpa e cantar para nós?

Morgaine afastou o que restava do bolo de aveia ensopado no molho da carne.

— Comi demasiado para cantar — disse, franzindo a testa, e começou outra vez a andar de um lado para o outro. Morgause viu que comprimia novamente os rins com as mãos. Gareth veio agarrar-se às saias dela.

— Canta para mim. Canta-me aquela canção do dragão, Morgaine.

— É muito longa para esta noite, tens de ir para a cama — respondeu, mas dirigiu-se para o canto, pegou na pequena harpa e sentou-se num banco.

Dedilhou umas notas ao acaso, inclinou-se para afinar uma das cordas e começou a cantar uma canção ritmada que os soldados costumavam entoar enquanto bebiam.

Lot juntou-se-lhe no coro, assim como os seus homens, as vozes roucas ressoando nas traves enfumaradas:

*Os Saxões vieram na escuridão da noite,
Quando toda a gente dormia,
Mataram as mulheres todas, pois preferiram violar as ovelhas!*

— Não aprendeste essa canção em Avalon, parente — perguntou Lot, sorrindo, quando Morgaine se levantou para arrumar a harpa.

— Canta outra vez — pediu Gareth, mas ela abanou a cabeça.

— Estou sem fôlego para cantar — disse.

Pousou a harpa e pegou no fuso, mas passado pouco tempo largou-o e começou a andar de um lado para o outro.

— O que é que tens, rapariga? — perguntou Lot. — Estás tão agitada como um urso enjaulado!

— Estar sentada faz-me doer as costas, e essa carne que a minha tia quis que eu comesse acabou por me fazer dores de barriga.

Levou novamente as mãos aos rins e dobrou-se de repente como se estivesse com uma câibra. Subitamente, soltou um grito assustado e Morgause, que a observava, viu que a saía, demasiado comprida, ficara escura e molhada, ensopada até aos joelhos.

— Oh, Morgaine, molhaste-te toda — exclamou Gareth —, és muito crescida para fazer chichi na roupa... a minha ama batia-me se eu fizesse isso!

— Silêncio, Gareth — ordenou Morgause ríspidamente e correu para junto de Morgaine, que continuava curvada e com a cara vermelha de espanto e vergonha.

— Está tudo bem, Morgaine — disse ela, agarrando-lhe o braço. — Dói-te aqui... e aqui? É o que eu pensava. Estás em trabalho de parto, é só isso, não sabias?

Mas como é que a rapariga podia saber? Era o seu primeiro filho e ela nunca fora pessoa para prestar atenção às conversas das mulheres, por isso não podia identificar os sinais. Devia ter passado a maior parte do dia a sentir as primeiras dores. Chamou Beth e disse:

— Leva a duquesa da Cornualha para o aposento das mulheres e chama Megan e Branwen. E solta-lhe o cabelo; ela não pode ter nada com nós ou amarrado, nem a ela nem à roupa. — Afagando o cabelo de Morgaine, acrescentou: — Quem me dera ter sabido disto mais cedo quando entranchei o teu cabelo... Vou já para baixo e fico contigo, Morgaine.

Viu a rapariga sair, apoiando-se pesadamente no braço da aia. Disse a Lot:

— Tenho de ficar com ela. É o primeiro e vai ter medo, pobrezinha.

— Não há pressa — disse Lot, espreguiçando-se. — É o primeiro. Vai ficar toda a noite em trabalho de parto e terás muito tempo para lhe segurar na mão — dirigiu à mulher um sorriso bem-humorado. — Estás com muita pressa de trazer ao mundo o rival do nosso Gawaine!

— O que queres dizer? — perguntou ela baixinho.

— Que Arthur e Morgaine nasceram do mesmo ventre e que o filho dela está mais perto do trono que o nosso.

— Arthur é jovem — disse Morgause secamente — e tem muito tempo para ser pai de uma dúzia de filhos. Porque achas que vai precisar de um herdeiro?

Lot encolheu os ombros.

— O destino é caprichoso — disse. — Arthur tem uma vida encantada no campo de batalha e não tenho a mínima dúvida de que a Senhora do Lago tem qualquer coisa que ver com isso, maldita seja. E Gawaine é muito leal ao seu rei. Mas o destino pode voltar as costas a Arthur e, se esse dia chegar, gostaria de saber que era Gawaine quem estava mais perto do trono. Pensa bem, Morgause; a vida de um recém-nascido não é segura.

Farias bem em pedir à tua Deusa que o pequeno duque da Cornualha não respirasse duas vezes.

— Como é que eu podia fazer uma coisa dessas a Morgaine? É como se fosse minha filha!

Lot deu umas pancadinhas afetuosas no queixo da mulher e disse:

— És uma mãe dedicada, Morgause, e não gostaria que fosses diferente. Mas duvido de que Morgaine esteja tão desejosa de ter uma criança nos braços. Ouvi-a dizer que gostava de se ter desembaraçado da criança...

— Estava doente e esgotada — disse Morgause, zangada. — Julgas que eu não disse o mesmo quando estava cansada de arrastar por aí uma barriga enorme? Todas as mulheres dizem coisas dessas nos últimos meses de gravidez.

— Mesmo assim, se o filho de Morgaine nascesse sem respirar, não me parece que ela o lamentasse. Nem tu o deverias fazer, é isso que estou a dizer.

Morgause defendeu a sobrinha.

— Ela é boa para o nosso Gareth; faz-lhe bonecos e brinquedos e conta-lhe histórias. Tenho a certeza de que será uma boa mãe.

— No entanto, não é do nosso interesse nem do interesse do nosso filho que Morgaine pense que o filho dela é herdeiro de Arthur — pôs o braço em volta da mulher. — Olha, queridinha, temos quatro filhos e de certeza que quando forem todos crescidos irão engalfinhar-se uns nos outros: Lothian não é um reino assim tão grande! Mas se Gawaine fosse Rei Supremo haveria reinos suficientes para todos.

Ela concordou acenando com a cabeça. Lot não tinha amor a Arthur, tal como não tinha tido nenhum por Uther; mas nunca o tinha julgado assim tão cruel.

— Estás a pedir-me que lhe mate o filho mal nascça?

— Ela é nossa parente e minha hóspede, e por isso é sagrada. Não invocaria a maldição de ser assassino de um familiar. Disse apenas que a vida dos recém-nascidos é frágil, a não ser que tenham muito cuidado com eles, e se Morgaine tiver um parto difícil, seria bom que ninguém tivesse tempo para cuidar do bebé.

Morgause cerrou os dentes e afastou-se de Lot.

— Tenho de ir para junto da minha sobrinha.

Lot sorriu quando ela se afastou.

— Pensa bem no que te disse, minha esposa.

Lá em baixo, na pequena sala, tinham acendido a lareira para as mulheres; uma panela de caldo de aveia fervia ao canto da lareira porque ia ser uma noite muito comprida. Tinham espalhado palha nova. Morgause já tinha esquecido, como acontece com todas as mulheres felizes com os filhos, o pavor do parto, mas ao ver a palha, os dentes cerraram-se-lhe e sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha. Tinham vestido a Morgaine uma camisa larga e o cabelo, solto, caía-lhe pelas costas. Andava de um lado para o outro apoiada no braço de Megan. Tudo tinha um ar de uma festa, e de facto era-o para as outras mulheres. Morgause dirigiu-se à sobrinha e pegou-lhe no braço.

— Anda, podes andar um bocadinho comigo, e Megan pode ir preparar as fraldas para o bebé.

Morgaine olhou para ela e Morgause pensou que os olhos da jovem pareciam os de um animal selvagem preso numa armadilha, à espera que a mão do caçador lhe cortasse o pescoço.

— Vai demorar muito, tia?

— Ora, ora, não deves pensar no que está para vir — disse carinhosamente Morgause. — Pensa antes que tens estado em trabalho de parto durante todo o dia e que agora será tudo mais rápido.

Mas pensou: *Não vai ser fácil para ela, é tão pequena e está tão relutante em ter esta criança; sem dúvida que a espera uma noite longa e sofredora...*

Nessa altura, lembrou-se de que Morgaine tinha a Visão e de que era inútil mentir-lhe. E acariciou-lhe a face pálida.

— Não importa, criança, tomaremos bem conta de ti. O primeiro filho é sempre mais demorado, não gostam de abandonar o conforto do ninho... mas faremos tudo o que estiver ao nosso alcance. Alguém trouxe uma gata para o quarto?

— Uma gata!? Sim, está ali uma, mas porquê, tia? — perguntou Morgaine.

— Porque, pequenina, se já viste uma gata a ter filhos, sabes que as gatas parem os filhos a ronronar e não a miar penosamente, e talvez se visses o prazer dela a dar à luz isso te ajudasse a sentir menos dores — disse Morgause, afagando o pelo do animal. — É uma forma de magia para o parto que se calhar não é conhecida em Avalon. Sim, podes sentar-te para descansar um bocadinho e pegar na gata ao colo.

Viu Morgaine afagar a gata num momento mais calmo, mas depois dobrar-se outra vez com as contrações, e fê-la levantar-se e voltar a andar.

— Enquanto conseguires aguentar... é mais rápido assim.

— Estou tão cansada, tão cansada... — disse Morgaine, gemendo um bocadinho.

Ainda vais ficar mais cansada depois disto acabar, pensou Morgause, mas limitou-se a aproximar-se e a envolver a jovem nos seus braços.

— Vamos. Apoia-te em mim, criança...

— És tão parecida com a minha mãe... — disse Morgaine, agarrando-se a Morgause, com o rosto contorcido, como se estivesse prestes a chorar. — Quem me dera que a minha mãe aqui estivesse... — Mordeu o lábio como que arrependida daquele momento de fraqueza e começou a andar devagarinho de um lado para o outro no quarto cheio de gente.

As horas foram-se arrastando lentamente. Algumas das mulheres adormeceram, mas havia muitas para se revezarem a andar com Morgaine, que ia ficando cada vez mais assustada e mais pálida à medida que o tempo passava. Nasceu o Sol, mas as parteiras ainda não tinham dito que Morgaine se podia deitar na palha, apesar de estar tão esgotada que andava aos tropeções e mal conseguia pôr um pé à frente do outro. A dada altura dizia que tinha frio e enrolava-se no manto quente de peles, para logo a seguir o atirar para longe dizendo que estava a escaldar. Teve vômitos e vomitou repetidas vezes até só deitar bÍlis esverdeada; mas parecia não ser capaz de parar com os vômitos, apesar de a obrigarem a tomar beberagens quentes que engolia sequiosamente. Mas voltava logo a vomitar, e Morgause, observando-a, com o espírito cheio do que Lot dissera, perguntava a si própria se o que ela fizesse ou deixasse de fazer iria causar alguma diferença... podia muito bem acontecer que Morgaine não sobrevivesse àquele parto.

Por fim, já não conseguia andar mais e deixaram-na deitar, ofegante e mordendo os lábios com as dores que se repetiam. Morgause ajoelhou-se ao lado dela, segurando-lhe na mão, enquanto as horas iam passando. Muito tempo depois do meio-dia, Morgause perguntou baixinho:

— Ele... o pai da criança... era muito maior do que tu? Às vezes, quando uma criança demora tanto tempo a nascer, isso significa que sai ao pai e que é demasiado grande para a mãe.

Interrogava-se, como já o tinha feito antes, sobre quem seria o pai daquela criança. Tinha visto Morgaine olhar para Lancelet na coroação de Arthur; se Morgaine tivesse engravidado de Lancelet, isso podia muito bem explicar a razão por que Viviane tinha ficado tão zangada e Morgaine tivera de fugir de Avalon. Em todos estes meses, Morgaine não tinha dito nada sobre os motivos que a levaram a abandonar o templo nem sobre a criança;

apenas que fora gerada nas fogueiras de Beltane. Viviane gostava tanto de Morgaine que não permitiria que tivesse um filho de um qualquer...

Mas se Morgaine, revoltando-se contra a sorte que lhe fora destinada, tivesse tomado Lancelet como amante ou o tivesse atraído para o bosque de Beltane, isso podia explicar porque é que a sacerdotisa escolhida de Viviane, a sua sucessora como Senhora do Lago, fugira de Avalon.

Mas Morgaine disse apenas:

— Não vi a cara dele; veio ter comigo como O-Dos-Chifres.

E Morgause soube, com os leves vestígios da Visão que possuía, que a jovem estava a mentir. Porquê?

As horas arrastavam-se. A dada altura, Morgause foi até ao salão principal, onde os homens de Lot jogavam ao cucarne. Lot estava sentado a ver, com uma das aias mais novas de Morgause ao colo e com a mão brincando distraidamente com os seus seios. Quando Morgause entrou na sala, a rapariga olhou-a apreensiva e começou a deslizar-lhe do colo, mas Morgause encolheu os ombros.

— Fica onde estás, não precisamos de ti entre as parteiras, e esta noite, pelo menos, ficarei com a minha parente e não tenho tempo para disputar contigo o lugar na cama dele. Amanhã as coisas podem ser diferentes.

A jovem curvou a cabeça, corando. Lot disse:

— Como é que vão as coisas com Morgaine, querida?

— Nada bem Comigo nunca foi assim tão difícil — disse Morgause, e depois exclamou com raiva: — Lançaste alguma praga à minha parente para que não se voltasse a levantar do leito do parto?

Lot abanou a cabeça.

— Neste reino és tu quem possui os encantamentos e as magias, senhora. Não desejo mal nenhum a Morgaine. Deus sabe que a morte de uma tão linda mulher seria uma perda lamentável... e Morgaine é bastante bela, apesar da sua língua afiada! Embora Morgaine, minha querida, pertença à linhagem mais nobre da tua família, isso apenas torna o prato mais apetitoso...

Morgause sorriu afetuosamente ao marido. Fossem quais fossem os lindos brinquedos que escolhesse para a sua cama — e a rapariga ao seu colo era apenas mais um deles —, sabia que combinava perfeitamente com ele.

— Onde é que está Morgaine, mãe? — perguntou Gareth. — Ela disse que hoje havia de esculpir-me outro cavaleiro para eu brincar!

— Está doente, filhinho — Morgause soltou um profundo suspiro, o peso da ansiedade caindo-lhe de novo em cima.

— Em breve estará boa — disse Lot —, e nessa altura terás um priminho para brincar contigo. Vai ser teu irmão adotivo e teu amigo. Temos um ditado que diz que os laços de parentesco duram três gerações e os de adoção sete e, como o filho de Morgaine vai ser as duas coisas, para ti será mais do que teu irmão.

— Vou ficar contente com um amigo — disse Gareth. — Agravaine faz troça de mim, chama-me pateta e diz que já sou muito crescido para cavaleiros de madeira!

— Bem, o filho de Morgaine será teu amigo quando for um bocadinho maior — disse Morgause. — Ao princípio vai ser como um cachorrinho ainda com os olhos fechados, mas daqui a um ano ou dois já terá idade para brincar contigo. A Deusa ouve as orações das criancinhas, filho, por isso tens de lhe rezar pedindo que te ouça, conceda saúde e um filho são a Morgaine e que a Deusa não lhe apareça sob a figura da Morte. — E de repente começou a chorar.

Espantado, Gareth ficou a olhar para a mãe que chorava, e Lot perguntou:

— Ela está assim tão mal, meu amor?

Morgause acenou afirmativamente, não havia necessidade de assustar a criança, e limpou os olhos com a túnica.

Gareth olhou para o alto e implorou:

— Por favor, Deusa querida, traz à minha prima Morgaine um filho forte para juntos podermos crescer e ser cavaleiros.

Morgause riu-se e afagou a cara rechonchuda.

— Tenho a certeza de que a Deusa ouvirá uma oração dessas. Agora tenho de voltar para junto de Morgaine.

Enquanto saía do salão, sentiu os olhos de Lot postos em si e lembrou-se do que ele lhe tinha dito anteriormente — que poderia ser melhor para todos se o filho de Morgaine não sobrevivesse.

Ficarei contente se Morgaine sobreviver a tudo isto, pensou, e, pela primeira vez, lamentou ter aprendido tão pouca coisa das grandes magias de Avalon, agora que precisava de um encantamento ou de um feitiço qualquer que pudesse aliviar essa luta para a sobrinha. Tinha-se tornado tão difícil, tão assustadoramente difícil para a jovem; os seus partos não tinham sido assim...

Voltou para o aposento das mulheres. As parteiras tinham feito Morgaine ajoelhar-se na palha para ajudar a criança a escorregar do ventre; mas a jovem tombara para o chão como uma coisa sem vida, de modo

que as duas parteiras tinham de a segurar para a manter direita. Soluçava, mordendo os lábios para não gritar, tentando ser corajosa. Morgaine ajoelhou-se à frente dela, na palha suja de sangue. Estendeu-lhe as mãos e Morgaine agarrou-as, olhando para Morgause quase sem a reconhecer.

— Mãe! — gritou —, mãe, sabia que virias...

Então o rosto voltou a contorcer-se e atirou a cabeça para trás, a boca contraída em gritos abafados. Megan recomendou:

— Segure-a, minha senhora... não, por trás, assim, mantenha-a direita...

E Morgause, agarrando Morgaine por baixo dos braços, sentiu a rapariga tremer, contrair-se e soluçar, enquanto lutava cegamente para escapar das mãos delas. Já não conseguia ajudá-las ou mesmo deixar que fizessem o que era preciso fazer e gritava bem alto quando lhe tocavam. Morgause fechou os olhos, sem querer ver, segurando com todas as suas forças o corpo frágil de Morgaine que se contorcia. A jovem gritou outra vez: «Mãe! Mãe!», mas Morgause não sabia se chamava por Igraine ou pela Deusa. Depois caiu para trás nos braços de Morgause, quase inconsciente. Sentiu-se um cheiro forte de sangue no quarto e Megan levantou qualquer coisa escura e engelhada.

— Olhe, senhora Morgaine — disse ela —, tem um lindo filho.

Depois inclinou-se sobre ele e respirou-lhe para dentro da boquinha. Ouvia-se um som agudo e zangado, o grito de um recém-nascido berrando com fúria, perante o mundo gelado em que tinha entrado.

Mas Morgaine jazia nos braços de Morgause, completamente exausta, sem conseguir sequer abrir os olhos e olhar para o filho.

O bebé tinha sido lavado e vestido. Morgaine tinha engolido uma taça de leite quente com mel e ervas para evitar a hemorragia e agora dormitava exausta, e nem estremeceu quando Morgause se inclinou e a beijou ao de leve na testa.

Viveria e ficaria boa, apesar de Morgause nunca ter visto uma mulher lutar tão duramente, sobreviver e ter um filho vivo. E a parteira disse que, depois de tudo o que foi necessário fazer para este nascer vivo, não era provável que Morgaine tivesse outro. O que, pensou Morgause, era bom. Compreendia agora que os seus partos, que não tinham sido fáceis, não tinham sido nada comparados com este.

Pegou na criança enfaixada e olhou para as feições pequeninas. Parecia

estar a respirar bastante bem, apesar de às vezes, quando uma criança não chora logo e é preciso soprar-lhe para a boca, a respiração lhe voltar a falhar mais tarde e ela morrer. Mas tinha um tom rosado e saudável, até as unhas minúsculas eram rosadas. Cabelo escuro, completamente liso, penugem suave e escura nos bracinhos e perninhas — sim, era filho das fadas, como a própria Morgaine. De facto, podia ser filho de Lancelet e, portanto, estaria duplamente próximo do trono de Arthur.

Esta criança devia ser imediatamente entregue a uma ama de leite... e então Morgause hesitou. De certeza que, quando Morgaine tivesse descansado um pouco, queria pegar e amamentar o filho; era sempre assim, por muito difícil que tivesse sido o parto. E quanto mais difícil, mais alegria parecia ter a mãe em amamentar o bebé; quanto maior fosse a luta, maior era o amor e o prazer, quando a criança era levada ao seio materno.

E então pensou nas palavras de Lot. *Se eu quiser ver Gawaine no trono, esta criança é um obstáculo.* Não tinha querido ouvir quando Lot o dissera, mas com a criança nos braços não conseguia evitar pensar que não seria uma coisa assim tão má se a criança fosse sufocada pela ama ou se estivesse tão fraca que não conseguisse mamar. E se Morgaine nunca lhe tivesse pegado nem amamentado, não teria um desgosto muito grande; se fosse vontade da Deusa que ela não vivesse...

Só quero poupar-lhe sofrimento...

O filho de Morgaine, provavelmente de Lancelet, ambos da linha real de Avalon... se acontecesse qualquer coisa a Arthur, o povo aceitaria esta criança no trono.

Mas ela nem sequer tinha a certeza de que fosse filho de Lancelet.

E apesar de Morgause ter dado à luz quatro filhos, Morgaine era a menina pequenina que ela cuidara e mimara como uma boneca que tinha trazido nos braços; tinha-lhe escovado o cabelo, dado banho e dera-lhe presentes. Seria capaz de fazer isto ao filho de Morgaine?

E quem poderia dizer que Arthur não iria ter uma dúzia de filhos da sua rainha, fosse lá ela quem fosse?

Mas o filho de Lancelet... sim, o filho de Lancelet era ela capaz de abandonar à morte sem qualquer remorso. Lancelet era um parente tão próximo de Arthur como Gawaine, mas Arthur preferia-o, recorrendo em tudo a Lancelet. Tal como ela própria sempre vivera à sombra de Viviane, a irmã desprezada, preterida para Rainha Suprema — nunca perdoara a Viviane que tivesse escolhido Igraine para Uther —, assim também o leal

Gawaine ficaria sempre à sombra de Lancelet, muito mais brilhante. Se Lancelet tinha brincado com Morgaine ou a tinha desonrado, ainda havia mais razão para o odiar.

Mas não havia motivo para Morgaine dar à luz o filho bastardo de Lancelet em segredo e com tanto sofrimento. Julgaria por acaso Viviane que o seu precioso filho era bom demais para Morgaine? Morgause tinha visto que a rapariga chorara em segredo durante todos esses longos meses; estaria doente de amor e de abandono?

Viviane, maldita seja, usa vidas como se fossem ganizes que se podem deitar fora num jogo! Atirou Igraine para os braços de Uther sem qualquer consideração por Gorlois, reivindicou Morgaine para Avalon; irá também destruir-lhe a vida?

Se ao menos pudesse ter a certeza de que era o filho de Lancelet! Tal como lamentara, quando Morgaine estava em trabalho de parto, não conhecer magia suficiente para aliviar a dor, também agora lamentava os seus frouxos conhecimentos. Quando vivia em Avalon, não tinha tido nem interesse nem persistência para estudar o saber dos Druidas. No entanto, como protegida de Viviane, tinha aprendido uma ou outra coisa com as sacerdotisas que a tinham acarinhado e estragado com mimos. Com a despreocupação e o bom humor com que se dá prazer a uma criança, tinham-lhe mostrado alguns encantamentos e magias simples.

Bem, então iria usá-los agora. Fechou a porta do quarto e acendeu uma nova fogueira; cortou três cabelos da penugem sedosa que cobria a cabeça do bebé e, dobrando-se sobre Morgaine adormecida, cortou também alguns dos dela. Picou o dedo da criança com o alfinete de cabelo, embalando-a depois para calar o choro. A seguir lançou para o fogo ervas secretas juntamente com os cabelos e o sangue, murmurando uma palavra que lhe tinham ensinado, e ficou a olhar para as chamas.

Conteve a respiração em silêncio quando as chamas se contorceram, morreram e, durante um breve instante, um rosto olhou para ela — um rosto jovem, coroadado de cabelos louros e sombreado por chifres que escureciam uns olhos azuis tão parecidos com os de Uther...

Morgaine falara verdade quando dissera que ele tinha vindo até ela como o Deus chifrudo; contudo tinha mentido... Morgause devia ter compreendido; tinham, então, celebrado o Grande Casamento de Arthur antes da coroação. Teria Viviane planeado também isto, uma criança que nascesse das duas linhagens reais?

Houve um pequenino ruído atrás dela e, olhando para cima, viu que Morgaine conseguira levantar-se e estava de pé agarrada à cabeceira, o rosto pálido como a morte.

Os lábios mal se mexiam, só os olhos escuros, profundamente afundados nas órbitas pelo sofrimento, tremulavam das chamas para os objetos de feitiçaria que estavam no chão, à frente da lareira.

— Morgause — pediu ela —, jura-me... se me amas, jura-me... que nunca dirás nada nem a Lot nem a ninguém! Jura ou amaldiçoar-te-ei com todas as maldições que conheço!

Morgause deitou a criança no berço e voltou-se para Morgaine, segurando-a pelo braço e ajudando-a a voltar para a cama.

— Anda, deita-te, descansa, pequenina... temos de conversar sobre isto. Arthur! Porquê? Foi obra de Viviane?

Morgaine repetiu, ainda mais agitada:

— Jura que não dizes nada! Jura que nunca mais tornarás a falar disto! Jura! Jura!

Os olhos brilhavam selvaticamente. Morgause, ao olhar para ela, recebeu que acabasse por ter um ataque de febre.

— Morgaine, filha...

— Jura! Ou amaldiçoo-te pelo Vento e pelo Fogo, pela Água e pela Terra...

— Não! — gritou Morgause, agarrando-lhe nas mãos, tentando acalmá-la. — Estás a ver, eu juro, eu juro.

Não quisera jurar. Pensou: *Devia ter recusado, devia falar disto a Lot...* mas era demasiado tarde, agora tinha jurado... e Morgause não desejava ser amaldiçoada por uma sacerdotisa de Avalon.

— Agora deita-te e sossega — disse baixinho. — Tens de dormir, Morgaine.

A mulher mais nova fechou os olhos e Morgause sentou-se a acariciar-lhe a mão e a pensar.

Aconteça o que acontecer, Gawaine é um homem de Arthur. Lot não teria nenhuma vantagem com Gawaine no trono. Este — não interessa quantos filhos Arthur possa ter, este é o seu primogénito. Arthur foi educado como cristão e dá muita importância a ser rei dos cristãos; considera este filho do incesto como uma vergonha. Não faz mal nenhum conhecer o segredo de um rei. Até com Lot, apesar de o amar, fiz sempre questão de saber certos pormenores dos seus pecados e luxúrias.

A criança acordou e chorou. Morgaine, como acontece com todas as

mães quando os filhos choram, abriu os olhos. Estava demasiado fraca para se mexer, mas murmurou:

— O meu filho... é o meu filho, Morgause? Quero pegar no meu filho.

Morgause inclinou-se e começou a pôr a criança toda entrouxada nos braços dela. Então hesitou: se Morgaine pegasse uma vez na criança, iria querer amamentá-la, amá-la-ia, preocupar-se-ia com o seu bem-estar. Mas se fosse entregue a uma ama de leite, antes de ela lhe ver sequer a cara... bem, então não sentiria grande coisa e o bebé seria filho dos pais adotivos. E seria bom que o primeiro filho de Arthur, o filho que não se atreveria a reconhecer, fosse antes de mais leal para Lot e Morgause, como se fossem eles os seus pais verdadeiros; que os filhos de Lot fossem irmãos dele em vez de quaisquer outros filhos que Arthur pudesse ter quando casasse.

As lágrimas deslizavam fracamente pelo rosto de Morgaine. Implorou:

— Dê-me o meu bebé, Morgause, deixe-me pegar no meu filho, quero-o...

Morgause respondeu terna, mas impiedosamente:

— Não, Morgaine. Estás muito fraca para que possas pegar-lhe e amamentá-lo e — procurou apressadamente uma mentira que a rapariga, ignorante da sabedoria das parteiras, acreditasse —, se lhe pegares nem que seja uma só vez, não mamará dos seios da ama, por isso tem de lhe ser entregue imediatamente. Podes pegar-lhe quando estiveres um pouco mais forte e ele estiver a alimentar-se bem.

E apesar de Morgaine ter começado a chorar e a soluçar, enquanto estendia os braços, Morgause levou a criança para fora do quarto.

Agora, pensou, será filho adotivo de Lot e teremos sempre uma arma contra o Rei Supremo. E garanti que Morgaine, quando estiver boa, se preocupe pouco com ele e fique satisfeita em deixá-lo.